

F  S F  R 

W. E. B. DU BOIS

O cometa

tradução
ANDRÉ CAPILÉ

ELE FICOU POR UM INSTANTE na escadaria do banco, observando o rio humano que descia agitado pela Broadway. Poucos o notavam. E, quando o faziam, era de um modo hostil. Ele estava fora do mundo, “um nada!”, como disse amargurado. Ouvia algumas palavras ditas pelos passantes.

“O cometa?”

“O cometa...”

Todo mundo comentava. Até o presidente, ao entrar, sorriu condescendente para ele e perguntou:

“Então, Jim, você está com medo?”

“Não”, disse lacônico o mensageiro.

“Achei que já tivéssemos viajado na cauda do cometa uma vez”, interrompeu afável o jovem escriturário.

“Ah, era o Halley”, disse o presidente, “este cometa é novo, bem desconhecido, dizem — maravilhoso, maravilhoso! Eu o vi na noite passada. Ah, a propósito, Jim”, ele disse, voltando-se de novo para o mensageiro, “quero que você desça até as câmaras subterrâneas hoje.”

O mensageiro seguiu o presidente em silêncio. Claro que queriam que *ele* descesse até o subterrâneo. Era perigoso demais para homens mais valiosos. Deu um sorriso desesperançado e ouviu.

“Tudo que tinha valor foi retirado assim que a água começou a vazar”, disse o presidente, “mas sentimos falta de dois volumes de registros antigos. Imagino que você possa dar uma procurada lá embaixo... não é muito agradável, suponho.”

“Não muito”, disse o mensageiro enquanto saía.

“Bem, Jim, a cauda do novo cometa nos atingirá ao meio-dia dessa vez”, disse o escriturário do cofre ao entregar as chaves. O mensageiro desceu as escadas em silêncio. Ele desceu abaixo da Broadway, onde a luz era fraca, filtrada por pés de homens apressados; e mais abaixo, até o porão escuro; e mais ainda, na escuridão e no silêncio,

sob a caverna mais profunda. Aqui, com sua lanterna pesada, apalpou as entranhas da Terra, debaixo do mundo.

Ele respirou fundo ao atravessar a última grande porta de ferro e pisar no limo fétido. Aqui finalmente havia paz, e ele seguiu tateando de mau humor. Uma ratazana passou num salto, e seu rosto rompeu teias de aranha. Ele procurou cuidadosamente pelo espaço, tocando prateleira por prateleira, o chão enlameado, as fendas e os cantos. Nada. Voltou para o fundo da sala, onde, de alguma forma, a parede parecia diferente. Sondou, empurrou e esquadrinhou. Nada. Afastou-se. Então, algo o fez voltar. Ele tateava concentrado quando, de repente, a parede negra moveu-se inteira, como se tivesse dobradiças gigantes, e a escuridão bocejou para além. Ele espiou dentro: evidentemente um compartimento secreto — algum esconderijo do velho banco, desconhecido nos dias atuais. Hesitante, entrou. Era uma sala comprida e estreita com prateleiras, e na outra extremidade havia um antigo baú de ferro. Em uma estante alta estavam os dois vo-

lumes de registro perdidos, dentre outros. Ele os separou com cuidado e andou até o baú. Era velho, firme e oxidado. Olhou para a fechadura imensa e antiquada e iluminou as dobradiças. Estavam profundamente incrustadas de ferrugem. Procurando em volta, ele encontrou um pedaço de ferro para usar como alavanca. Cem anos de ferrugem haviam devorado o cofre. A velha tampa desgastada foi levantada devagar e, num último e grave rangido, desnudou o tesouro — e ele viu o brilho opaco do ouro.

“Cabum!”

Um rangido baixo, estrondoso e reverberante, assaltou-lhe os ouvidos. Ele se levantou e olhou em volta. Tudo estava imóvel, um breu. Tateou em busca de sua lanterna e iluminou ao redor. Foi quando entendeu. A grande porta de pedra se fechara. Ele esqueceu o ouro e encarou a morte face a face. Então, com um suspiro, começou a trabalhar metodicamente. Sentia na testa o suor frio. Procurou, bateu, empurrou sem parar até que, depois do que pareceram horas intermináveis, sua mão esbarrou em um pedaço de metal

frio e a grande porta, mais uma vez, se moveu asperamente nas dobradiças. Em seguida, ao bater em algo macio e pesado, parou. Só restou espaço para ele passar espremido. Ali estava o corpo do escriturário do cofre, frio e rígido. Ao encará-lo, sentiu-se mal e nauseado. O ar parecia inexplicavelmente infecto, com um odor intenso e estranho. Ele deu um passo à frente, agarrou-se ao vazio e caiu desmaiado sobre o cadáver.

Despertou com uma sensação de horror, desvencilhou-se do corpo num salto e subiu as escadas se arrastando, chamando pelo guarda. Encontrou-o sentado como se dormisse, e o portão balançando aberto. Passou os olhos por ele e subiu apressado para a câmara intermediária. Em vão, chamou pelos vigias. Sua voz ecoou duas vezes bizarramente. Subiu correndo até o grande subsolo. Aqui outro guarda jazia de bruços, frio e imóvel. Um temor tomou o coração do mensageiro, que subiu desabalado até o banco. A quietude da morte reinava por toda parte, e por toda parte curvavam-se, vergavam-se e estiravam-se as formas silenciosas dos homens.

O mensageiro parou e olhou ao redor. Ele não era um homem facilmente impressionável, mas a visão era apavorante. “Roubo e assassinato”, murmurou devagar para si ao ver a boca retorcida e babada do presidente, estatelado em sua mesa. Então, um novo pensamento se apossou dele: e se o encontrassem aqui sozinho — com todo esse dinheiro e todos esses homens mortos —, quanto valeria sua vida? Olhou ao redor, foi na ponta dos pés até uma porta lateral e, mais uma vez, olhou para trás. Com cuidado, girou a maçaneta e saiu na Wall Street.

Como estava quieta a rua! Nenhuma alma viva e, no entanto, era meio-dia. Wall Street? Broadway? Ele olhou de cima a baixo quase sem controle, depois para o outro lado da rua e, enquanto olhava, um sentimento de horror doentio congelou-lhe os membros. Com um grito engasgado do mais absoluto pavor, ele se apoiou de forma brusca na fachada do prédio gélido enquanto encarava impotente a cena.

No grande portal de pedra, uma centena de homens, mulheres e crianças jaziam esmagados,

retorcidos e prensados, metidos à força naquela passagem, feito restos em uma lixeira — como se, em uma arremetida frenética e selvagem em busca de segurança, tivessem se precipitado diretamente para a morte. O mensageiro arrastou-se devagar pelas paredes, umedecendo a boca ressecada e tentando compreender e apaziguar o tremor das pernas e dos braços e o crescente terror em seu coração. Encontrou um empresário, de cartola e sobrecasaca, que também havia se esgueirado ao longo daquela parede lisa e agora estava morto feito pedra, com o espanto estampado nos lábios. O mensageiro desviou os olhos rápido em busca do meio-fio. Uma mulher se recostava em um poste, a cabeça sem vida curvada sobre o colo coberto de renda de seda. À sua frente, um bonde, parado, e dentro dele... Mas o mensageiro nem olhou direito e seguiu. Um garoto encardido que vendia jornal estava sentado na sarjeta, com a “última edição” na mão erguida: “Perigo!”, exclamava a manchete. “Alertas transmitidos para o mundo. A cauda do cometa passará por nós ao meio-dia. Esperam-se

gases fatais. Fechem portas e janelas. Dirijam-se aos porões.” O mensageiro leu e cambaleou. Ao longe, em uma janela no alto, uma moça jazia com o rosto sufocado e mangotes nos braços. Na entrada de uma loja, uma garotinha sentada, com o rosto angelical voltado para o céu, e no carrinho ao seu lado... Mas o mensageiro já havia desviado o olhar. Foi a gota d'água: o terror irrompeu em suas veias, e com um único grito arquejante ele disparou desesperado e correu. Correu como só as pessoas apavoradas correm, ofegando e dando socos no ar até que, com um último gemido de dor, se atirou na grama da Madison Square e ficou ali de bruços, imóvel.

Quando se levantou, ele evitou olhar para as formas imóveis e mudas nos bancos, e foi até uma fonte molhar o rosto. Então, escondido em um canto, afastado do drama da morte, se recompôs aos poucos e recapitulou: o cometa havia varrido a Terra e este era o fim. Estava todo mundo morto? Ele precisava descobrir.

Sabia que deveria ficar firme e manter a calma, caso contrário enlouqueceria. Primeiro, devia

ir a um restaurante. Subiu pela Quinta Avenida até um hotel famoso e entrou por seus salões deslumbrantes e fantasmagóricos. Lutando contra a náusea, tomou uma bandeja de mãos defuntas e apressou-se para a rua, onde comeu vorazmente, escondendo-se para não ser visto. “Ontem eles não teriam me servido”, murmurou, enquanto se forçava a comer.

Depois, subiu a rua olhando, examinando, tocando campainhas e soando alarmes. Quietamente, tudo quieto. Não havia ninguém — ninguém —, ele não ousava pensar naquilo e apressava-se.

Subitamente estacou. Tinha esquecido. Meu Deus! Como poderia ter esquecido? Ele deveria correr para o metrô — quase riu. Não, um carro; se conseguisse achar um Ford. Viu um. Com cuidado livrou-se do corpo que o ocupava e tomou seu lugar no assento. Testou o acelerador. Tinha gasolina. Soltou o freio, tremendo, e dirigiu rua acima. Havia mortos por toda parte: erguidos, curvados, encostados e deitados, num silêncio sinistro e horrendo. Passou por um automóvel, destruído e capotado; por outro, que levava um

grupo alegre, cujos sorrisos ainda duravam nos lábios atingidos pela morte; passou por aglomerações e por uma série de carros sendo parados por policiais mortos; na rua Quarenta e Dois teve que desviar para a Park Avenue a fim de evitar um engarrafamento de cadáveres. Retornou à Quinta Avenida na altura da Cinquenta e Sete, passou voando pelo Plaza e pelo parque com seus bebês aquietados e sua multidão silenciosa, até que, enquanto acelerava pela rua Setenta e Dois, ouviu um grito cortante e viu uma coisa viva se debruçando ferozmente em uma janela. Engasgou. A voz humana soou em seus ouvidos como se fosse a voz de Deus.

“Ei... ei... socorro, em nome de Deus!”, a mulher gritava, “tem uma garota morta aqui e um homem e... e ali há homens e cavalos mortos tombados pela rua... pelo amor de Deus, traga as autoridades...” E as palavras se transformaram em um choro histérico.

Ele deu meia-volta bruscamente, passou por cima do corpo imóvel de uma criança e subiu com o carro no meio-fio. Saltou correndo os degraus,

tentou abrir a porta e esmurrou a campainha. Houve uma longa pausa, mas por fim a porta pesada se abriu. Olharam-se por um momento em silêncio. Ela não tinha notado que ele era um preto. Ele não pensara nela como branca. Era uma mulher de talvez vinte e cinco anos — particularmente bela e vestida com requinte, de cabelos louros e joias. Ontem, ele pensou com amargura, ela mal o teria olhado. Ele não passaria de um punhado de sujeira sob seus pés sedosos. Ela encarou-o. De toda sorte de homens que havia imaginado vir em seu resgate, não poderia sonhar com alguém como ele. Não que ele não fosse humano, mas habitava um mundo tão distante do dela, tão infinitamente distante, que raramente fazia parte de seus pensamentos. No entanto, quando o olhou com curiosidade, ele parecia bastante comum e habitual. Era alto, um trabalhador escuro da melhor qualidade, com um rosto sensível, treinado para a imperturbabilidade, roupas e mãos de homem pobre. Seu rosto era suave e bronco, e seus modos eram ao mesmo tempo

frios e nervosos, como incêndios há muito em brasas, mas não apagados.

Por um momento, cada um parou e mediu o outro. Então, a lembrança do mundo morto rapidamente voltou e eles se aproximaram.

“O que aconteceu?”, ela perguntou aos prantos. “Me diga! Nada se mexe. Tudo é silêncio! Vejo os mortos espalhados diante da minha janela como se derrubados pelo sopro de Deus... e veja...”, ela o arrastou através de longas cortinas de seda até onde, sob o brilho do mogno e da prata, o corpo pequeno de uma governanta estava estendido, em um sono perpétuo e tranquilo, e, perto dela, um mordomo jazia debruçado sobre sua libré.

As lágrimas correram pela face da mulher, que se agarrou ao braço dele, até que o perfume do hálito dela varreu-lhe o rosto e ele sentiu os tremores que percorriam o corpo dela.

“Eu estava quieta em minha câmara escura, revelando fotos do cometa que tirei ontem à noite; quando saí... vi os mortos!”

“O que aconteceu?”, ela perguntou chorando de novo.

Ele respondeu com vagar: “Algo... cometa ou demônio... varreu a Terra esta manhã e... muitos morreram”.

“Muitos? Quantos?”

“Eu procurei e não vi outra alma viva, além de você.”

Ela arquejou e eles se encararam.

“Meu... pai!”, ela sussurrou.

“Onde ele está?”

“Ele foi para o escritório.”

“Onde fica?”

“Na Metropolitan Tower.”

“Deixe um bilhete para ele aqui e vamos.”

Então, ele parou.

“Não”, disse com firmeza, “antes devemos ir até o Harlem.”

“Harlem!”, ela lamentou. Em seguida, entendeu. De início bateu o pé com impaciência. Olhou para trás e estremeceu. Então desceu os degraus resoluta.

“Há um carro mais rápido no pátio”, ela disse.

“Não sei dirigi-lo”, disse ele.

“Eu sei”, ela respondeu.

Em dez minutos eles voavam contra o vento em direção ao Harlem. O Stutz arrancou e acelerou feito um avião. Viraram na rua Cento e Dez sobre duas rodas e derraparam cantando pneus na Cento e Trinta e Cinco.

Ele saiu do carro por um instante. Quando voltou, seu rosto estava cinza. Sem olhar, ela disse:

“Você perdeu alguém?”

“Eu perdi todo mundo”, ele disse, sem mais, “a menos que...”

Saiu correndo novamente e demorou vários minutos — horas, pareceu a ela.

“Todo mundo”, repetiu, e voltou devagar segurando algo enrolado, que enfiou no bolso.

“Receio que eu tenha sido egoísta”, ele disse. Mas o carro já seguia em direção ao parque, entre os cadáveres escuros e enfileirados do Harlem — os rostos negros imóveis, as mãos nodosas, as vestes simples e o silêncio — o silêncio feroz e assustador. Saindo do parque, rodopiaram ao entrar na Quinta Avenida. Desviando dos mortos, derraparam e frearam, sem precisar buzinar ou bramar, até que avistaram a Metropolitan Tower, imensa e

quadrada. Ele afastou com cuidado o corpo do ascensorista, um garoto. O elevador subiu. A porta do escritório estava aberta. Na soleira jazia o corpo da estenógrafa e, olhando para ela, a secretária morta, sentada. O interior do escritório estava vazio, mas havia um bilhete sobre a mesa, dobrado e com o endereço, porém não enviado:

Querida filha:

Fui dar um passeio no Mercedes novo do Fred. Não devo voltar antes do jantar. Convidei Fred.

J. B. H.

“Vamos”, ela gritou nervosa. “Precisamos vasculhar a cidade.”

De cima a baixo, por toda parte, de novo e mais uma vez continuou aquela busca fantasmagórica. Em todo lugar havia silêncio e morte — morte e silêncio. Procuraram da Madison Square a Spuyten Duyvil; percorreram a ponte Williamsburg; varreram todo o Brooklyn; do Battery Park e de Morningside Heights examinaram o rio. Silêncio, silêncio em todos os lugares, e nenhum

sinal de vida humana. Abatidos, sujos e exaustos, desceram lentamente a Broadway sob o sol escaldante e, afinal, pararam. Ele farejou o ar. Um odor — um mau cheiro — e com a mudança da brisa um fedor nauseabundo enchiam-lhe as narinas carregando seu aviso terrível. A garota recostou-se, impotente, em seu assento.

“O que podemos fazer?”, ela perguntou.

Agora era sua vez de assumir a liderança, e ele o fez rapidamente.

“Telefone, chamada interurbana. Telégrafo e mensagem por cabo. Sinalizadores noturnos e, então, fugir!”

Ela olhou para ele, forte e confiante. Ele não parecia os outros homens, os homens como ela sempre imaginou; contudo, agia como um, e isso a contentava. Em quinze minutos, estavam na central telefônica. Quando chegaram, ele passou rápido à frente dela, deslocando-a com cuidado para trás enquanto fechava a porta. Ela o ouvia para lá e para cá, e reconhecia seus fardos — os pequenos fardos que ele carregava. Quando ela entrou, ele estava sozinho na sala. O sinistro painel de distri-

buição de chamadas reluzia sua superfície metálica em uma imobilidade esfingica, enigmática. Ela se sentou em um banquinho e colocou o fone de ouvido brilhante. Olhou para o microfone. Ela nunca tinha olhado tão de perto para um. Era largo e preto, marcado pelo uso; inerte; morto; quase sarcástico em suas curvas insensíveis. Parecia — ela repeliu o pensamento — mas parecia... teimava em parecer com... ela virou a cabeça e se viu sozinha. Por um instante ficou aterrorizada; então, agradeceu em silêncio a ele por sua delicadeza e se virou, resoluta e ágil, tomando ar.

“Alô”, ela chamou em voz baixa. Estava chamando o mundo. O mundo *precisa* responder. O mundo *responderia*? O mundo...

Silêncio.

Ela falou muito baixo.

“Alô!”, ela chamou, a voz plena dessa vez.

Se pôs em escuta. Silêncio. Seu coração acelerou. Gritou em alto e bom som, com clareza: “Alô! Alô! Alô!”

O que era aquele zunido? Certamente — não — seria o ruído de um receptor?

Ela se inclinou para perto, moveu os plugues nos buracos, e chamou e chamou até que sua voz virou quase um guincho. O coração martelava. Foi como se ela tivesse ouvido a última centelha da Criação, e o Mal era silêncio. Sua voz cedeu a um soluço. Sentada, olhou apalermada para o bocal sarcástico e preto e, mais uma vez, vieram os pensamentos. A esperança estava morta dentro dela. Sim, restavam o telégrafo e os sinalizadores; mas o mundo — ela não conseguia dar forma ao pensamento ou dizer a palavra. Era muito poderoso — muito tenebroso! Virou-se em direção à porta com um novo temor no coração. Pela primeira vez ela pareceu se dar conta de que estava sozinha no mundo com um estranho, com algo mais que um estranho — um pária por seu sangue e sua cultura — desconhecido, talvez indecifrável. Era terrível! Ela precisava escapar — precisava fugir. Ele não deveria vê-la novamente. Quem saberia, que pensamentos horríveis...

Ela ajustou com habilidade as saias de seda em torno das pernas jovens e lisas — e se esgueirou atentamente para uma sala lateral. Encolheu-se

por um instante: o cômodo estava cheio de mulheres mortas; então ela correu até a porta, que esmurrou — fazendo seus dedos sangrarem — até que abrisse. Olhou para fora. Ele estava no alto da viela — a silhueta, alta e negra, imóvel. Estava olhando para ela ou para o nada? Ela não sabia — não se importava. Simplesmente saiu correndo — correu até que se viu sozinha entre os mortos e as altas muralhas de arranha-céus.

Parou. Estava sozinha. Sozinha. Sozinha nas ruas — sozinha na cidade — talvez sozinha no mundo. A sensação de estar sendo enganada apoderou-se dela — sentia mãos rastejantes às suas costas — coisas silenciosas e móveis que ela não conseguia ver — vozes sussurrantes em uma conspiração assustadora. Olhou em volta; de início ouviu barulhos estranhos, que lhe soaram cada vez mais insólitos, até que cada nervo seu ficasse trêmulo e teso, a ponto de fazê-la gritar ao mínimo toque. Ela recuou e correu de volta, choramingando feito uma criança, até reencontrar aquela viela estreita e a figura escura e calada da silhueta no alto. Ela

parou e descansou; então caminhou muda em direção a ele, olhou-o timidamente. Ele nada disse ao acompanhá-la até o carro. Sua voz engasgou enquanto ela sussurrava:

“Isso... não”.

E ele respondeu lentamente: “Não... isso, não”.

Entraram no carro. Ela se debruçou no volante e soluçou, com soluços grandes, secos e palpitantes, enquanto se dirigiam à agência dos telégrafos no East Side, trocando o mundo da riqueza e da prosperidade pelo da pobreza e do trabalho. Naquele que ficava para trás havia morte e um silêncio grave e sombrio, quase cínico, mas sempre decente. Este mundo era abominável. Revestia-se de todas as formas tenebrosas de horror, luta, ódio e sofrimento. Tombava envolto em crime e miséria, ganância e luxúria. Era como a morte em todos os lugares, apenas em seu pavoroso e terrível silêncio.

No entanto, enquanto os dois, sozinhos e em fuga, olhavam para o horror do mundo, lenta e gradualmente a sensação de morte que a tudo envolvia os abandonou. Pareciam se mover em um mundo quieto e adormecido — não morto.

Moviam-se em calada mesura, para não acordar de modo algum essas formas dormentes que haviam, por fim, encontrado a paz. Moviam-se dentro de algum majestoso *Friedhof** mundial, acima do qual algum braço divino havia balançado sua vara de condão. Toda a natureza adormecia até que... até que, num estalo e com a mesma ideia chocante, olharam-se nos olhos — ele, pálido, e ela, ruborizada, com pensamentos não ditos. Para ambos, a visão de uma beleza poderosa — de coisas tácitas e vastas — inundou-lhes a alma, porém eles a afastaram.

Imensas e sombrias espirais de eletricidade, vindas da Terra e do Sol, penetravam naquele esconderijo de bruxarias. Reunidos, os relâmpagos do mundo se afunilavam aqui, atando com feixes de luz os confins da Terra. As portas se abriram para a escuridão. Ele parou na soleira.

“Você sabe o código?”, ela perguntou.

“Eu sei o chamado de socorro. Nós o usávamos antigamente no banco.”

* Cemitério, em alemão. (N. E.)

Ela mal escutou. Ouviu o bater das águas lá embaixo — águas escuras e agitadas — águas traiçoeiras, como eram chamadas. Ele deu um passo adiante. Lentamente, ela caminhou até a parede, onde a água abaixo era convidativa, e ali ficou esperando. Esperou um longo tempo, mas ele não veio. Até que, num sobressalto, viu-o, também, de pé junto às águas negras. Devagar, ele tirou o casaco e ficou ali calado. Ela caminhou rapidamente na direção dele e pousou a mão em seu braço. Ele não reagiu ou olhou. As águas batiam em um ritmo sedutor e mortal. Ele apontou para elas e disse com calma:

“O mundo jaz sob as águas agora. Posso ir?”.

Ela olhou seu rosto devastado e exausto, e uma piedade tremenda tomou-lhe o coração. Respondeu com uma voz clara e tranquila: “Não”.

Eles tornaram à vida uma vez mais, e ele assumiu a direção do carro. O mundo escurecia rumo ao crepúsculo, e uma imensa mortalha gris caía, misericordiosa e delicadamente, sobre os mortos adormecidos. O sinistro clarão da realidade parecia substituído pelo sonho de

algum vasto romance. A garota recostou-se quieta, enquanto o motor roncava, e procurava semi-consciente pela rainha dos elfos a instilar vida outra vez neste mundo morto. Ela nem se deu conta da rapidez com que ele aprendera a dirigir seu carro. Parecia natural. E então, quando numa meia-volta entraram na Madison Square e na porta da Metropolitan Tower, ela deu um gritinho e seus olhos brilharam! Quiçá tivesse visto, mesmo, a rainha dos elfos?

O homem a conduziu até o elevador do edifício e eles subiram. No escritório do pai dela, pegaram tapetes e cadeiras, ele escreveu um bilhete e o deixou sobre a mesa. Então foram até o telhado e ele a acomodou confortavelmente. Ela descansou e mergulhou em uma sonolência de sonho, observando e imaginando os mundos além. Abaixo estavam as sombras escuras da cidade e mais ao longe o brilho do mar. Ela olhou tímida, enquanto ele lhe servia comida, apanhava um xale e a cobria, tocando-a com reverência, porém de forma terna. Ela o encarou com gratidão nos olhos, comendo o que ele lhe servira. Ele olhava

a cidade. Ela o olhava. Parecia muito humano — muito próximo agora.

“Você teve que trabalhar duro?”, ela perguntou com suavidade.

“Sempre”, ele disse.

“Eu sempre fui à toa”, ela disse. “Era rica.”

“Eu era pobre”, ele quase ecoou.

“A rica e o pobre unidos”, ela começou, e ele concluiu:

“O Senhor é o criador de todos”.

“Sim”, ela disse devagar, “e como nossas distinções humanas parecem tolas agora”, encarando a grande cidade morta que se estendia abaixo, nadando em sombras apagadas.

“Sim. Ontem, eu não era humano”, ele disse.

Ela olhou para ele. “E o seu povo não era o meu”, disse, “mas hoje...”, fez uma pausa. Ele era um homem, nada mais. Mas, em um sentido mais amplo, era um cavalheiro. Sensível, gentil, nobre, tudo nele salvo as mãos e o rosto. No entanto, ontem...

“A morte nivela”, ele resmungou.

“E revela”, ela segredou delicadamente, pondo-

-se de pé, os olhos arregalados. Ele se virou e, depois de se atrapalhar um pouco, conseguiu lançar um sinalizador para o céu escuro. O projétil decolou, zuniu e subiu; um estreito caminho de luz, que, espalhando com força suas fagulhas, despencou sobre a cidade abaixo. Ela mal percebeu. Uma visão do mundo surgira diante dela. Lentamente, a poderosa profecia de seu destino a dominou por completo. Acima do passado morto pairava o Anjo da Anunciação. Ela não era uma mera mulher. Não era nem alta nem baixa, nem branca nem preta, nem rica nem pobre. Ela era a mulher primal; mãe poderosa de todos os homens do porvir e a Noiva da Vida. Ela olhou para o homem ao seu lado e esqueceu tudo o mais, exceto sua masculinidade, sua forte e vigorosa masculinidade — seu pesar e sacrifício. Ela o viu glorificado. Ele não era mais uma coisa à parte, uma criatura inferior, um pária, um estrangeiro, de outro sangue, mas a encarnação do Irmão Humanidade, Filho de Deus e o Pai-Total da raça futura.

Ele não percebeu a glória nos olhos dela; continuou contemplando ao largo o mar, e lan-

quando sinalizador após sinalizador na escuridão sem resposta. Nuvens roxas se amontoavam em ondas no Oeste. Atrás e ao redor deles, os céus incandesciam em um esplendor sombrio e sobrenatural que impregnava o mundo apagado, quase uma música em tom menor. De repente, como se recolhida por alguma mão gigantesca, a imensa cortina de nuvens desapareceu. Perto da linha do horizonte restou uma enorme estrela branca — mística, maravilhosa. E dela subiu em linha reta, em direção ao polo — feito um descolorido véu nupcial —, uma faixa de luz pálida e larga que iluminou o mundo todo e ofuscou as estrelas.

O homem, em um silêncio fascinado, pasmou-se diante do firmamento e deixou cair no chão os sinalizadores. Memórias de memórias da vida revolvida nos cantos escuros de sua mente. Os grilhões pareciam chacoalhar e cair de sua alma. De dentro de sua classe indigna, destruída e servil, irrompeu a majestade única de reis há muito mortos. Ele ascendeu das sombras, alto, ereto e austero, com poder em seus olhos e cetros espectrais pairando ao seu alcance. Era como se algum

poderoso faraó vivesse novamente, ou um líder assírio de cabelos crespos. Virou-se, olhou para a mulher e a encontrou olhando diretamente para ele.

Em silêncio, imóveis, viam-se cara a cara — olhos nos olhos. Suas almas despedidas ao cair da noite. Não era luxúria. Não era amor — era algo maior, mais poderoso, que não carecia do toque do corpo, nem da excitação da alma. Era algo divino, extraordinário.

Lentamente, sem nenhum ruído, um se moveu em direção ao outro — no alto, o firmamento, os mares ao redor, a cidade sombria e morta aos seus pés. Ele agigantou-se das sombras de veludo, vastas e escuras. Esguia e branca como uma pérola, ela reluziu sob as estrelas. Estendeu as mãos adornadas com joias. Ele ergueu os braços potentes, e exclamaram um para o outro, quase como uma só voz: “O mundo está morto”.

“Vida longa a...”

“Bééé! Bééé!” Uma buzina e o som cortante de um motor ressoaram com nitidez no silêncio. Eles recuaram com um grito e se encararam com olhos vacilantes e abatidos, o sangue a ferver.

“Bééé! Bééé! Bééé! Bééé!”, veio o barulho insano mais uma vez, e quase que partindo de seus pés um sinalizador resplandeceu no céu e espalhou suas fagulhas sobre eles. Ela cobriu os olhos com a mão e encolheu os ombros. Ele se abaixou e curvou-se, tateando cegamente ajoelhado no chão. Uma chama azul crepitou devagar depois de um tempo, e ela ouviu o zunir de um sinalizador voando em resposta.

Então eles pararam como a morte, olhando para os confins do outro lado da Terra.

“Crec — clac — crec!”

O barulho da engrenagem e o badalar de elevadores velozes disparando para cima fizeram a grande torre tremer. Uma babel de vozes murmurantes assaltou a noite. Por toda a cidade outrora morta, as luzes piscavam, tremeluziam e flamejavam; e então, com um súbito tinir de portas, a entrada da plataforma se encheu de homens, e um deles, de cabelos brancos esvoaçantes, correu até a garota e a ergueu junto ao peito. “Minha filha!”, ele soluçou.

Atrás dele se apressava um homem jovem e bem apessoado, cuidadosamente vestido com

um traje de piloto, que se curvou sobre a garota com solicitude apaixonada e olhou-lhe nos olhos fixamente, até que ela desviou o olhar, e seu rosto ruborizou.

“Julia”, ele sussurrou, “minha querida, pensei que você tivesse partido para sempre.”

Ela o encarou com olhos perscrutantes e curiosos.

“Fred”, ela murmurou, algo vagamente, “o mundo... se foi?”

“Apenas Nova York”, respondeu ele. “É terrível. Medonho! Você sabe... mas, e você, como escapou? Como aguentou esse horror? Está bem? Se machucou?”

“Não”, ela disse.

“E este homem aqui?”, ele perguntou, envolvendo-a com um braço e virando-se para o preto. De repente, ele enrijeceu e colocou a mão no quadril. “Ora!”, ele rsnou. “É um crioulo, Julia! Ele te... ele ousou...”

Ela ergueu a cabeça e olhou seu companheiro com interesse, depois baixou os olhos com um suspiro.

“Ele ousou... tudo para me salvar”, disse ela calma, “e eu sou muito grata.” Contudo, ela não voltou a olhá-lo. Quando o casal se afastou, o pai tirou um maço de notas do bolso.

“Aqui, meu bom camarada”, disse, enfiando o dinheiro nas mãos do homem, “pegue isso. Qual é o seu nome?”

“Jim Davis”, veio a resposta, em uma voz vazia.

“Bom, Jim, obrigado. Sempre gostei do seu pessoal. Se você quiser um emprego algum dia, é só me chamar.” E eles se foram.

Pessoas transbordavam dos elevadores no alto do prédio falando e sussurrando.

“Quem era?”

“Eles estão vivos?”

“Quantos?”

“Dois!”

“Quem foi salvo?”

“Uma moça branca e um crioulo... lá vai ela.”

“Um crioulo? Onde ele está? Vamos linchar o maldito...”

“Cala a boca! Ele é um cara decente. Salvou ela.”

“O diabo que salvou! Ele não tinha nada que...”

“Lá vem ele.”

Sob o clarão das luzes elétricas, o homem de cor movia-se lentamente, com olhar sonâmbulo.

“Quem diria...”, reclamou um espectador, “de toda Nova York, só uma moça branca e um crioulo!”

O homem de cor não ouvia. Ficou em silêncio sob a luz rutilante, encolhendo-se ao mirar fixamente o dinheiro em uma das mãos. Devagar, ele colocou a outra mão no bolso, tirou uma touca de bebê feita de um tecido delicado e encarou-a. Uma mulher subiu na plataforma e olhou em volta protegendo a vista da luz. Ela era negra, miúda, exausta da lida, e em um dos braços carregava o cadáver de um bebê negro. A multidão se apartou e seus olhos pousaram no homem de cor. Com um grito ela cambaleou em direção a ele.

“Jim!”

Ele se virou e, soluçando de alegria, envolveu-a nos braços.